

Coimbra, 28 de Setembro de 1983

Ex.^{ma} Senhora
Directora de «Cadernos
de Biblioteconomia,
Arquivística e Documentação»

Em 23 de Setembro recebi o n.º 1 de «Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação», pela primeira vez editados em Lisboa sob a responsabilidade da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Lendo o primeiro artigo — *Subsídios para a história de Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação, 1* — não pude deixar de fazer as seguintes observações que resolvo transmitir-lhe *com pedido de publicação*.

Alheando-me de aspectos técnicos e literários, considero injustas e impróprias as afirmações que podem ler-se na página 8, linhas 17 a 22.

Injustas, porque na única interpretação que consigo dar-lhes, se considera o tempo de vida de «Cadernos», até à sua transferência para Lisboa, como um tempo de «maioridade» indefinida (falta de maioridade técnica, profissional?). A história de «Cadernos» que pretende publicar-se tem de fazer constar que dos seus fundadores, redactores e colaboradores mais empenhados fizeram parte os mais distintos profissionais da biblioteconomia portuguesa. Excluo-me, obviamente.

Impróprias, porque não se pode falar de «emancipação» lá porque uma revista técnica independente se transformou em órgão oficial da BAD; impróprias ainda, porque dizer que «Cadernos» é hoje nossa «também de direito» só se entenderia por quem escrevesse em nome dos corpos gerentes da Associação ou, ao menos, invocasse a sua qualidade de sócio da BAD; impróprias, finalmente, porque «Cadernos são hoje mais nossos

do que jamais o terão sido» são... palavras!

Os meus cumprimentos.
Paula Maria Fernandes Martins
(Sócia n.º 140 da BAD)

Ex.^{ma} Senhora
Directora de «Cadernos
de Biblioteconomia,
Arquivística e Documentação»

Da carta acima publicada foi-nos, também, a seu tempo, enviada cópia pela Colega Paula Maria Fernandes Martins.

Limitamo-nos agora a transcrever a resposta que, em 13 de Outubro passado, dirigimos à referida Colega:

«A circunstância de ser comum aos quatro signatários a responsabilidade da forma e conteúdo do anúncio da publicação de *SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE CADERNOS DE BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVÍSTICA E DOCUMENTAÇÃO* inserto a páginas 7-9 do número 1 de 'CADERNOS', e o facto de serem iguais as cartas que nos escreveu em 28-9-1983, levaram-nos a responder-lhe em conjunto.

Por atenção à solidariedade que nos deve unir e pela consideração que a Colega nos merece, decidimos não lhe transmitir quaisquer comentários à carta enviada à Directora de «Cadernos», a propósito daquela notícia, e de que nos enviou cópias. Ao tomarmos esta decisão, fizemo-lo também com a certeza de que os que nos lerem sem *parti pris* interpretarão as nossas afirmações com a mesma clara intenção com que nós as escrevemos.»

Continuamos a entender que o assunto não nos merece mais comentários e, pela nossa parte, consideramo-lo encerrado.

Coimbra, 20 de Março de 1984

*Maria da Graça Faria
Isabel Faria
Matos Godinho
Margarida Oliveira*

APOIANDO
O GRUPO DE TRABALHO
BIBLIOTECAS PÚBLICAS/BAD

Senhor Director:

Nós, que reconhecemos a importância social da Biblioteca Pública, somos impulsionados a participar da sua problemática, até mesmo quando não vivemos a realidade onde ela está inserida.

Basta que nos chegue alguma informação neste domínio, sentimos o desejo de colaborar para que o grande ideal de vermos as bibliotecas públicas atuarem como verdadeiras bibliotecas não venha desmoronar.

Necessário se faz enfatizar que me dirijo, mais especificamente, ao Grupo de Trabalho Bibliotecas Públicas/BAD o qual, tenho certeza, é formado por pessoas abnegadas e de uma grande visão dos problemas comunitários. Parabéns a todos vocês que, corajosamente, não negligenciam a Biblioteca Pública quer pela sua abrangência social, quer pela sua função de preservação e expressão cultural.

Ao lado de vocês, colegas, também estou eu por amor à causa e, mais ainda, por achar que cada amigo da Biblioteca Pública deveria adotar uma Biblioteca Pública. E qual o verdadeiro sentido

dessa adopção? Contribuição voluntária ao seu desenvolvimento.

Não importa se é uma Biblioteca Pública da Índia, do Quênia, do Brasil ou de Portugal; o que está em questão é a Instituição Biblioteca Pública, que tem um papel fundamental na sociedade.

Sou da opinião que, para a Biblioteca Pública desempenhar satisfatoriamente as suas funções, basta implementar o que diz a UNESCO, quando afirma que: «A Biblioteca Pública é o principal meio de proporcionar a todos o livre acesso ao registo dos conhecimentos e das ideias do homem e as expressões de sua imaginação criadora colocando à disposição da população informações técnicas e sociológicas actualizadas.» Mas, como desenvolver a integração Biblioteca/usuário sem empréstimo domiciliário, sem livre acesso às estantes e *afinal* sem contribuir para que os usuários se sintam parte integrante desta e, *sobretudo*, quando sua manutenção depende dos cofres públicos?

Pelas leituras do artigo e manifesto intitulados «Algumas observações sobre o desenvolvimento das bibliotecas públicas em Portugal» e «A leitura pública em Portugal», respectivamente, publicados nos Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação/BAD, podemos verificar as semelhanças, entre Brasil e Portugal, no que se refere à morosidade na implementação de planos de acção relacionados ao importante papel que deve assumir a Biblioteca Pública no desenvolvimento socioeconómico, cultural e político de um país.

Revestem-se, *ainda*, tais bibliotecas, de um certo tradicionalismo quando deveriam ser instrumentos de acção cultural, cujo objectivo teórico-prático é actuar como instituição social, favorecendo a todos os membros da comunidade, seus usuários em potencial.

Se fizermos uma análise detalhada das bibliotecas públicas que não têm condi-

ção de funcionar eficaz e eficientemente, verificamos que os problemas de algumas delas envolveram no passado nossos antecedentes; no presente, o alvo somos nós; no futuro, os atingidos serão nossos descendentes.

Assim considerando, por que não abraçar a causa quando sabemos que esta problemática poderá se desenvolver continuamente, deixando comunidades inteiras marcadas por cada objectivo que a Biblioteca Pública não pode atingir e por cada função que não pode desempenhar?

Enquanto nós, bibliotecários, não despertarmos *para uma nova tomada de decisão e uma conseqüente acção com relação ao desempenho das bibliotecas públicas*, elas continuarão na obscuridade, à margem da sociedade.

As bibliotecas públicas do presente necessitam aperfeiçoar e desenvolver recursos para melhor e mais profundamente atingir todos os membros da comunidade da qual faz parte.

Por outro lado, é do conhecimento de muitos, se não de todos os bibliotecários, as dificuldades que envolvem as bibliotecas públicas mas, se somarmos forças teremos mais chances de gerar

programas de incentivo à leitura e ao desenvolvimentno das Bibliotecas Públicas.

Ao finalizar, registo o meu apoio, embora longínquo, ao Grupo de Trabalho Bibliotecas Públicas/BAD conclamando-o a desenvolver trabalhos com objectivo de estabelecer uma nova política de desenvolvimento das Bibliotecas Públicas, em Portugal.

Dessa forma, creio, poderão seus participantes contribuir, através da Biblioteca Pública, para uma sociedade mais justa, menos desigual e mais progressista.

Aqui fica também o desejo de que o Grupo receba o apoio da população e das autoridades locais, o que é fundamental para o desenvolvimento de seus trabalhos que são de natureza eminentemente social.

Francisca Arruda Ramalho
Professora do Departamento
de Biblioteconomia
e Documentação da Universidade
Federal da Paraíba/Brasil